

### 03. RITUAL DO CRO NA FORMAÇÃO DO CAPITAL ERÓTICO DOS CRISTÃOS-NOVOS

Nilton Bruno Feitosa Santana<sup>1</sup>

#### Introdução

A sexualidade é um dos aspectos que foram amplamente estudados pelos mais diversos pesquisadores. Psicólogos, sociólogos, antropólogos, historiadores e demais cientistas sociais e humanos se debruçaram sobre esse fértil campo do saber.

No entanto, somente há pouco tempo surgiu um conceito que possa ser instrumentalizado para estudos sobre a beleza ou o erotismo. Conceito este que possui seis características objetivas e que podem ser facilmente usadas para compreender a sexualidade de determinado povo ou sociedade, deixando entrever aspectos antes ainda não observados.

Com o Capital Erótico entenderemos sobre o erotismo de um povo peculiar pelos traumáticos processos históricos pelos quais passaram. Estou me referindo aos cristãos-novos judaizantes e, também há um ritual bastante peculiar praticado por esse grupo na Nova Espanha, atual México, e indiciado pelo Santo Ofício da Inquisição na primeira metade do século XVII. Iremos adentrar e compreender esse ritual sob a luz do Capital Erótico (CE).

#### 1. Os cristãos-novos<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduado do Curso de História da UFS. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da UFS. PROHIS-UFS. Membro do GPDAS - Grupo de Pesquisa Diáspora Atlântica dos Sefarditas, CNPq/UFS.

[nbrunofs@yahoo.com.br](mailto:nbrunofs@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Existe também o debate historiográfico que trata da questão da nomenclatura para se referir aos cidadãos ibéricos de origem judaica. Vemos uma parte dos historiadores se referirem ao termo “marrano” tão popularizado. No entanto, visto o amplo sentido que pode adquirir a palavra “marrano” que para alguns significaria “porco” em espanhol, em alusão a carne proibida de ingestão pelos preceitos da religião judaica (SILVA, 2012, p. 10). A palavra *anussin* seria a mais apropriada porque significa “forçado” no idioma hebraico identificando exatamente aqueles que foram obrigados a deixar sua religião, porém, não aparece com frequência na historiografia e nem na maioria dos arquivos do Santo Ofício. Em processos inquisitoriais pode-se ver claramente que entre si, os cristãos-novos se chamavam pela expressão “gente da nação” ou como “conversos”. No entanto, há ainda nas produções mais recentes a refutação desses termos tradicionais da historiografia, uma vez que a palavra cristão-novo vem a ser substituída, porque chamar de cristão a quem foi obrigado a seguir o cristianismo parece injusto para alguns autores, como bem sublinha Marcos Silva (2012). Sugere-se portanto, o uso do termo “Sefardita” que remete a palavra hebraica *Sefarad* que significa Espanha em hebraico, e que condiz com o fato de que tanto aqueles que foram convertidos a força quanto

Os judeus estavam presentes na península ibérica desde o século IV e conseguiram se estabelecer junto à população local muitas vezes se miscigenando e fazendo parte das mais variadas camadas sociais (ROTH, 1989). Somente depois com a dominação árabe e a posterior guerra de Reconquista é que passaram a ser considerados como verdadeiros intrusos no seio cristão e, a partir de então ocorreram os massacres pelas judiarias ibéricas (GREEN, 2007). Passaram os judeus a serem proibidos gradativamente de assumirem cargos públicos e de serem proprietários de terras. Sendo cada vez mais a sua atividade legada ao comércio pela eventualidade de restrições a suas ocupações, e não por questões inerentes ao seu grupo como acredita o preconceito popular (ROTH, 1989). As restrições foram sendo cada vez mais sufocantes para a comunidade judaica na Espanha até que se chegou ao Decreto de Alhambra, que forçava os judeus a se converterem ao catolicismo por ordem dos *Reyes Catolicos*, Rei Fernando de Aragão e da Rainha Isabel de Castela em 1492. Posteriormente, a mesma ordem seria emitida em Portugal sob o Reinado de D. Manuel em 1496/97, fazendo com que os judeus sefarditas portugueses passassem pelo mesmo sofrimento que os espanhóis. (NOVINSKY, 1992).

A partir deste acontecimento surgia o cristão-novo, nome concedido em contraposição ao cristão-velho, isto é, aqueles que tinham longa tradição familiar dentro do catolicismo apostólico romano. Os cristãos-novos a partir de então se desenvolveram de forma isolada do restante do mundo judaico e cada vez mais houve uma separação e estranhamento entre ambos. O cristão-novo e o judeu poderiam ter vários costumes em comum, porém, raramente se identificaram mutuamente como um grupo único. Até mesmo porque para as comunidades judaicas, esses judeus que se converteram forçosamente foram tidos como se de fato tivessem se cristianizado por livre e espontânea vontade (NOVINSKY, 1992). Apesar de serem forçados a se converter, mesmo assim continuaram sendo considerados como cristãos, e por esse motivo figuraram entre as principais vítimas do Santo Ofício da Inquisição Ibérica, na qual trataremos abaixo. Por ora, basta saber que a família analisada neste trabalho pertence ao grupo cristão-novo e sobre estes eram lançados as mais variadas formas de perseguição social.

## 2. A Inquisição

---

aqueles que se exilaram se originaram do mesmo espaço geográfico, tiveram a mesma religião e acima de tudo possuem a mesma etnia e dividem alguns costumes (SILVA, 2012). Entretanto, nesse trabalho continuaremos utilizando a palavra cristão-novo que já é tão consagrada e comum na historiografia para designar os judeus forçados a se converter ao catolicismo e os seus descendentes.

Necessário se faz citar a existência de duas inquisições. Uma medieval e outra moderna. A diferença é que a segunda possuía maior entrelaçamento com os poderes estatais e como fala Laura de Mello e Souza em seu Livro (1986) por conta disso possuía a missão de uniformizar os costumes dentro do Reino.

Criada para combater as heresias<sup>3</sup> do meio católico cristão, a Inquisição sempre utilizou-se do braço secular e na Era moderna o Santo Ofício passou a fazer parte diretamente da organização estatal. No Reino Espanhol, por exemplo, a Inquisição compunha os cinco conselhos da administração real ao lado do da Fazenda, do Estado, e os de Castela e Aragão (ROTH, 1981, p. 70). Era de importância central que a Inquisição fizesse parte da administração real e fosse vista como uma instituição importante para unificar o Reino em seus costumes. Um poder centralizado, eclesial e estatal vigiando os dogmas e sendo visto como imprescindível para a comunidade cristã. Isto servia para manter a ortodoxia católica como hegemônica ao mesmo tempo em que reafirmava o poder Real. Ademais, ajudava a espalhar a crença de que o Rei estava empenhado na propagação e na “boa” conservação do cristianismo, mesclando dever religioso com o dever de um “bom súdito” do Rei. Os hereges eram vistos não apenas como desviantes da fé católica, mas também como possíveis rebeldes.

Enquanto em Portugal teremos a instalação de três Tribunais inquisitoriais sediados nas cidades de Coimbra, Lisboa e Évora abrangendo respectivamente o norte, o centro e o sul do Reino Lusitano. Pode-se citar também a instalação do Tribunal da Inquisição de Goa, na Índia. A inquisição de Portugal apenas se fez presente na sua colônia americana por meio de seus oficiais. A Inquisição portuguesa perdurou de 1536 a 1821 (SIQUEIRA, 1978).

Já a Inquisição espanhola que será a tratada nesse texto, nasce em 1478 e termina em 1836. Possuiu na Espanha 15 Tribunais ao total, a saber: Barcelona, Córdoba, Cuenca, Granada, Llerena, Logroño, Madrid, Murcia, Santiago, Sevilla, Toledo, Valencia, Valladolid e Zaragoza, além de mais nas ilhas Baleares, localizado em Palma de Mallorca. Na América espanhola houveram também os tribunais de Lima, Cartagena e Cidade do México (ROTH, 1981, GREEN, 2007).

---

<sup>3</sup> O que seria “heresia”? O próprio Manual dos Inquisidores em sua noção de heresia utiliza três significados de acordo com o autor latino diferente. Isidoro e Pápias faz uso do equivalente *elesis* que viria a designar “eleição”. O herege sempre escolhe ou elege uma doutrina falsa. Hugo diz que a palavra Herético é derivada do verbo “aderir” que viria de “*haereticus*” e “*adhaesivus*”. E ainda há uma terceira definição que parte de Isidoro que origina a palavra heresia no verbo *erciscor*, sinônimo de dividido. Porque o herege ao eleger e ao aderir há uma nova doutrina acaba se isolando e dividindo espiritualmente a comunidade. Todo esse debate dentro do Manual do Inquisidor vai alicerçar o conceito de heresia que vai designar de uma maneira geral todos os que acreditam ou professam doutrinas ou crenças contrárias a fé Católica. (Eymerich, 1993, p. 31-32).

Não posso deixar de citar aqui uma das principais características da inquisição ibérica, os ideais de pureza de sangue. Surgiram na Espanha no século XV com o afamado Estatuto de Toledo e incluía proibições de algumas atividades como ingressar em cargos públicos, em ordens religiosas e possuir terras para todo aquele que tivesse sangue judeu ou mouro, chamado de “o sangue infecto” (SILVA, 2013). E que embora a Inquisição não os tivesse inventado concedeu *status* legal e intensificou a sua utilização na Península Ibérica e na América Latina. Sua origem nota-se primeiramente nas classes aristocráticas e tem um caráter eminentemente social e não possui sentido religioso. Consiste na adoção da ideia do sangue puro ibérico e da sua exaltação como sangue nobre, sangue de alta estirpe (NOVINSKY, 1992). Isso ocorreu devido aos cristãos-novos se dedicarem ao comércio e começarem a crescer em influencia na sociedade ibérica, então, nada mais prático para a nobreza criar mecanismos para que a população se voltasse contra os cristãos-novos.

Os ideais de pureza de sangue serviam para inflar o ego do cristão-velho e fazê-lo ficar ao lado da Santa Inquisição na luta contra a heresia. Os ideais de pureza de sangue serviriam anos depois para inspirar o nazismo, sendo na história a primeira forma de racismo organizado. A Inquisição não criou os ideais de pureza de sangue, o seu nascimento se deve a nobreza ibérica que quis distinguir pessoas de “puro” sangue espanhol ou português das pessoas de sangue “infecto”, “impuro” que tinham descendência judaica ou mourisca (NOVINSKY, 1992). Vemos então três motivos para que a inquisição perseguisse os cristãos-novos ou como também são chamados os “conversos”: o motivo de unificação dos costumes, a questão religiosa de salvação da alma e o motivo racista de pureza de sangue. Passando gradativamente da perseguição religiosa a perseguição racial (ROTH, 1981, P.57).

### 3. O caso de Leonor Vaez

Iniciaremos uma breve explanação do que consistiu o caso de Leonor Vaez narrado por Nathan Wachtel em seu célebre Livro *A Fé da Lembrança*. Faz-se necessária devido ao fato de que ao redor de Leonor Vaez, a matriarca do grupo cristão-novo, se praticava o Cro. Eis uma personalidade essencial para que entendamos o processo, uma vez que pertencia há uma vasta rede familiar cujos membros em algum momento foram presos pelo Santo Ofício da Inquisição.

Leonor Vaez nascera de pais portugueses em Madrid, na Espanha. Segundo ela seu pai era da cidade de Guarda, comerciante e se considerava cristão-velho. Enquanto sua

mãe, Maria Rodriguez, era cristã-nova mas não sabia o local de seu nascimento e que em 1634 fora presa pelo Santo Ofício de Toledo na Espanha. Teria Leonor vivido em Madrid até os 7 anos de idade. Depois se mudou para a Andaluzia. Casou-se então com Antonio Cardado, matrimônio do qual teve a sua primeira filha, Ana Gomez (WACHTEL, 2002)

O núcleo familiar havia embarcado para a Nova Espanha em 1613 constituído por Leonor e suas filhas, sua mãe Maria Rodriguez, seu segundo marido Pedro Lopez, seu cunhado Antonio Fernandez Cardado que na verdade era irmão de seu primeiro marido chamado Diego Cardado, e por fim seu irmão Antonio Blandon. Um ano depois na cidade do México, Leonor deu a luz a dois filhos: Maria Gomez em 1614, e em 1618 nasce Francisco Lopez Blandon. No decorrer dos anos por conta do casamento de suas filhas e também por conta de outros fatores, o círculo familiar de Leonor Nuñez aumentou gradativamente na Nova Espanha (WACHTEL, 2002).

Para que não tenhamos que divagar muito sobre a trajetória de Leonor e sua filha basta dizer que em 1624 seu genro foi arrastado por um processo e compareceu ao Tribunal do Santo Ofício da Inquisição. Começaria desde então uma das maiores agonias para sua família visto as várias pessoas ligadas ao clã que também foram levadas aos cárceres. Dentre os demais métodos inquisitoriais para obter informações temos os métodos de perguntas que podiam ser ardilosas no intuito de buscar a confissão, temos também as torturas e ainda a espionagem. Nesse processo o papel de espião foi concedido a Gaspar de Alfar, que era um falso padre e acusado de vigarista nas prisões do tribunal do Santo Ofício da Inquisição, suas contribuições foram de grande valor para o andamento do processo (WACHTEL, 2002).

O que temos que levar em conta amplamente são as acusações de judaísmo misturado ao crime sexual. Eles faziam um jejum que era regado a sexo ritualizado segundo os preceitos religiosos do clã. Esse ritual de sexo ritualizado era chamado pelos próprios participantes com o nome de Cro. Esse ritual singular tanto no mundo cristão quanto no mundo judaico é que despertou a curiosidade de alguns historiadores, porém, nenhum deles analisou sob a luz do Capital Erótico e seus conceitos desenvolvidos por Catherine Hakim que veremos nas páginas seguintes. Analisar de que modo era composto o Capital Erótico desses criptojudeus<sup>4</sup> e como o ritual do Cro ajudava a compor esse Capital Erótico, o que era valorado pode nos falar muito sobre a sexualidade desse grupo familiar perseguido e encerrado tragicamente nos cárceres.

---

<sup>4</sup> Criptojudeu – definido como a prática secreta da religião judaica (SILVA, 2012).

#### 4. Os Capitais

Pierre Bourdieu (1997) apresentou ao mundo dois novos atributos pessoais que servem de princípios de diferenciação tão fortes e tão operantes socialmente quanto o capital econômico. O primeiro seria já velho conhecido dentro da acadêmica por conta da sua relação com a economia. Seria o conjunto de recursos e habilidades que as pessoas usam para produzir ganhos financeiros. Podendo ser esses ganhos, imóveis, terras, dinheiro e entre outros bens materiais (HAKIM, 2012).

O segundo incluiria as qualificações educacionais, as habilidades e a vivência profissional que são úteis ao mercado de trabalho e que podem ter bons rendimentos quando empenhados. Esse seria o capital cultural (BOURDIEU, 1997). Essa diferenciação cultural permeia por toda a sociedade e visa mascarar por meio de diplomas e certificados uma função social bastante evidente: consagrar os detentores de competência para dirigir ou guiar a sociedade, seria o ato de laurear os mais capazes socialmente. As instituições de saber seguem essa mesma lógica. Entretanto devemos relembrar que o conceito de capital cultural utilizado por Bourdieu é bastante amplo e inclui toda uma vastidão de saberes culturais e de artefatos (HAKIM, 2012). Grandes conhecimentos sobre literatura, música, esculturas, peças e livros, casas históricas ou outras coisas concretas que podem ser mais facilmente internalizadas.

Por sua grande abrangência Bourdieu (1997) o capital cultural é dividido em três. O capital cultural incorporado é o que se refere ao demandar tempo ao ensino e aprendizagem em assuntos considerados valiosos. É impossível ser trocado e constitui integralmente a pessoa levando-se em conta até mesmo processos individuais. E a segunda separação seria a ideia de Capital Cultural Objetivado é aquele que é transferível a partir de um suporte físico, tratando-se de uma propriedade legal, sendo dessa forma um bem material como ficou exemplificado acima. E por último temos o institucionalizado que seria a objetificação do incorporado com os diplomas e certificados dos quais já foram expostos aqui (BOURDIEU, 1997).

O segundo tipo de capital explanado por Bourdieu é igualmente conhecido nos estudos atuais. Seria o capital social. Esse capital consiste na soma de recursos que pertencem a uma pessoa a partir do ingresso em uma rede de relacionamentos. O capital social apenas teria valor de acordo com o número de pessoas dentro dessa rede de relacionamentos e do valor econômico e cultural de pessoas que fazem parte dessa rede. Existem organizações criminosas como a máfia que funcionam se baseando nesse tipo de

capital (HAKIM, 2012). Assim também como organizações legais de natureza política, acadêmica, financeira que funcionam fazendo uso pleno do capital social. Segundo alguns teóricos o capital social possui uma função importante nas sociedades modernas por conterem elementos de compromissos cívicos que são requisitos necessários para o desenvolvimento econômico e de uma coesão social para um governo efetivo.

Não podemos perder de vista também a noção de convertibilidade aplicada aos três capitais. Pode-se usar o capital cultural e social para se obter capital econômico e vice-versa. Os três tipos de capital variam muito em questão de composição, volume e convertibilidade, mas o que importa é que todos possuem essas características (HAKIM, 2012). A escassez de qualquer bem vai gerar um valor seja ele social ou econômico. Estando então a escassez na raiz das variadas formas de capital (HAKIM, 2012), e qualquer troca social vai envolver algum elemento listado acima. O Capital Erótico que trataremos abaixo e que seria o quarto atributo pessoal a ser reconhecido em estudos sociais.

## 5. Capital Erótico

O que seria então esse novo tipo de capital? Seria possível medir a beleza ou quantificar o quanto pode ser atraente uma pessoa? Que a beleza interfere no mundo isso é óbvio por meio de pesquisas que somente vem a confirmar o que se atesta no senso comum (HAKIM, 2012). E que pessoas atraentes costumam adquirir maior capital econômico, cultural e social também é uma verdade segundo atestam (BAUMEISTER; VOHS, 2004). Mas no que consiste o Capital Erótico? Quais são as suas características que podem ser operacionalizadas em estudos?

O conceito de Capital Erótico (CE) é bastante atual e complementa as categorias de capacidades sociais descritas pelo sociólogo Pierre Bourdieu como bem foi explanado acima os três tipos de capitais. Elaborado em 2010 pela cientista social britânica Catherine Hakim possui numerosos trabalhos de prestígio internacional e acadêmico com temáticas relacionadas ao mercado de trabalho, emprego das mulheres, discriminação social empreendedorismo e entre outros estudos (PEREIRA; SANTOS, 2014).

Para Hakim o capital erótico seria um atributo complementar aos que foram propostos por Bourdieu e embora socialmente percebidos ainda não havia sido identificado conceitualmente pela sociedade acadêmica (HAKIM, 2012). Sendo um termo com diversas

características e compreendendo vários atributos que geram alguma atratividade erótica nas demais pessoas. Hakim define o Capital Erótico como uma combinação:

Cunhei o termo “capital erótico” para aludir a uma obscura, embora crucial, combinação de beleza, *sex appeal*, capacidade de apresentação pessoal e habilidades sociais - uma união de atributos físicos e sociais que torna homens e mulheres companhias agradáveis e bons colegas, atraentes para todos os membros de sua sociedade e, especialmente, para o sexo oposto. (HAKIM, 2012, p. 7).

O Capital erótico seria uma combinação de peculiaridades inatas e habilidades que podem ser apreendidas e desenvolvidas ao longo da vida pessoal. Estando de certa forma ao alcance de todos e o fato de ter uma pequena parcela de seus traços como inatos é que o identificaria como o único atributo que não pode ser monopolizado pelas camadas superiores (HAKIM, 2012). O econômico, o social e o cultural podem ser capitalizados, mas o erótico foge ao controle das classes mais favorecidas e por conta disso, segundo a autora, há uma inclinação para que seja desprezado e vilipendiado sob a forma dos mais variados estigmas (HAKIM, 2012).

Abaixo segue uma explicação pormenorizada de cada um dos atributos eróticos aqui tratados. São seis atributos que segundo Hakim são universais, e apenas um que pode variar sua existência dependendo da sociedade, dentre esses atributos temos:

1. Beleza: A autora relata que embora os gostos pessoais possam se modificar de acordo com o tempo ou até mesmo a cultura na qual se está inserida. Ela demonstra em seus apêndices pesquisas que validam uma zona de concordância intercultural levando-se em conta as relações cintura-quadril (RCQ) e o Índice de Massa Corpórea (IMC) para o corpo e simetria, tom de pele e convencionalidade para o semblante (HAKIM, 2012, p.247). Tudo isso corrobora para que variações culturais não impeçam avaliações objetivas acerca da beleza. A beleza extrema também é igualmente rara (HAKIM, 2012).

2. *Sex appeal*: A atratividade sexual que pode ser bem diferente da beleza clássica. O *Sex Appeal* estaria ligado à ideia de um corpo sensual dependendo também personalidade e ao estilo de cada pessoa. Junto com os adjetivos de masculinidade ou feminilidade expondo a maneira como alguém se comporta, se movimenta ou fala. O *sex appeal* chega ao fato de ser algo raro, mas esse atributo pode ser adquirido (HAKIM, 2012).

3. Sociabilidade ou charme: Capacidade de interação. Interagir com pessoas e ter a capacidade de deixá-las confortáveis. Muitas vezes esse terceiro atributo pode ser relacionado com o carisma que determinada pessoa possui (PEREIRA; SANTOS, 2014).

4. Dinamismo: refere-se a associação de boa forma física, energia social e bom humor. Reportam-se principalmente as atividades como esportes e danças e são elementos



amplamente valorizados pela sociedade (HAKIM, 2012). Aliás, uma pessoa que pratica esportes ou dança bem geralmente atrai mais olhares para si.

5. Apresentação social: Esse é fácil de ser definido. Pode ser observado pelo estilo de se vestir, pela maquiagem, joias, perfumes ou outros adornos, cortes de cabelo ou outros acessórios que as pessoas carregam para informar seu valor social ao mundo, ou seja, o seu *status* (HAKIM, 2012). Vestir-se e adotar-se para parecer mais atraente é um velho costume das pessoas em inúmeras sociedades e culturas. A habilidade de se vestir e a relevância da moda para o mundo atual ressalta mais uma vez a importância da apresentação social para o capital erótico.

6. Sexualidade: energia, competência sexual, imaginação erótica, diversão e tudo mais que compõe um bom amante (HAKIM, 2012). É o que às vezes chamamos de “bom namorado” ou “bom de cama” nos jargões populares. E claro que essa competência pode variar não somente com a idade mas com o entusiasmo do parceiro. Trata-se aqui de um atributo que apenas os íntimos saberão afirmar sobre determinada pessoa, se ela possui ou não competência na área sexual. Os outros cinco são visíveis em todos os contextos sociais, o sexto atributo denominado por Hakim como sexualidade alude para a vida pessoal e íntima do indivíduo.

7. Fertilidade: Esse atributo é o único que não é intercultural, já que segundo as pesquisas abordadas por Hakim não aparece em todas as culturas analisadas. Aponta para o fato de que em algumas culturas as mulheres serem consideradas mais atraentes pelos belos filhos que apresentam ou pelo simples fato de estarem grávidas. Seria também um atributo que colocaria as mulheres em uma situação de exclusividade já que os homens não são capazes de engravidar e por isso apenas podem ser capitalizados por mulheres (HAKIM, 2012).

Esses seis primeiros atributos acima compõem o capital erótico segundo a Catherine Hakim. Ela afirma que as mulheres devem buscar um aumento do seu Capital Erótico visto ser uma das maneiras de ascensão social que está ao alcance de todas, porque embora haja atributos que são inatos existem por sua vez aqueles que são adquiridos (HAKIM, 2012, p.191). E fala que a estigmatização do capital erótico como algo negativo se deve ao conservadorismo puritano do cristianismo e a ação elitista. Essa última explica-se pelo fato de que o capital erótico é o único que não pode ser monopolizado pela elite, e por isso ocorre a sua depreciação como já foi falado acima (HAKIM, 2012).

A autora demonstra em sua obra que o CE pode muito bem ser utilizado para galgar melhores empregos e posições sociais. Ademais, o CE traz outros benefícios aos seus

possuidores como o fato de serem percebidas como mais honestas e competentes e receberem melhores tratamentos desde o berço em comparação com as crianças que não são consideradas bonitas (HAKIM, 2012). Deixa claro também o *déficit* sexual masculino visto a extrema procura de sexo que este gênero apresenta independente da cultura em que se esteja (HAKIM, 2012, p. 149). Inclusive nas comunidades gays a frequência por sexo é maior que nos meios heteroafetivos ou nos meios onde há lesbianismo. Mede isso também se levando em conta a grande procura pela prostituição que é quase exclusivamente composta por homens na grande maioria dos seus clientes (HAKIM, 2012). Na verdade a obra de Hakim apesar de apresentar conceitos originais e totalmente inéditos também é em certa medida uma revisão bibliográfica das mais variadas pesquisas desenvolvidas na área. A autora compila de forma atrativa as pesquisas de outros estudiosos no assunto para sustentar seus apontamentos. Abaixo entraremos no quanto o Cro perfazia o Capital Erótico dos cristãos-novos.

## 6. O Cro e o Capital Erótico dos cristãos-novos

Como já foi explicado acima o ritual do Cro perfaz um rito religioso onde acontece um jejum, que era algo bastante comum entre os criptojudeus, aliás, no Manual dos Inquisidores (1993) existe a prescrição de que o crime de judaísmo poderia ser revelado a partir de um dos jejuns importantes para a religiosidade judaica. Caso o cristão observa-se algum cristão-novo praticando o jejum deveria imediatamente comunicar a algum oficial da Inquisição (EYMERICH, 1993, p.59). A grande diferença é que o ritual aqui analisado possui a presença do sexo entre os seus participantes, além do jejum. Um sexo cerimonializado que acontecia entre os seus participantes que acontecia no núcleo familiar de Leonor Vaez na primeira metade do Séc. XVII, na Nova Espanha, atual México. Os participantes chamavam esse ritual de Cro.

Todas as informações aqui colhidas sobre o Cro foram levadas ao Tribunal por meio do espião Gaspar de Alfar. Colocava-se um espião disfarçado de réu ou até mesmo de carcereiro para que escutassem as conversas dos hereges (EYMERICH, 1993, p. 126). A primeira coisa que devemos associar o Cro seria a ideia de uma religiosidade prescritiva e não descritiva. Segundo o historiador israelense Moshe Idel em seu livro *Cabala y Eros* (2009) existem duas formas ou tendências de se reportar ao Sagrado. A primeira e a mais conhecida no mundo cristão seria a tendência *Prescritiva* que consistiria em prometer uma recompensa para propor um ideal que diverge do comportamento habitual. Diante disso

temos os relatos de condutas extraordinárias da vida dos santos, as conhecidíssimas hagiografias do mundo católico cristão. Através dessa conduta incomum ditada por um código moral tido como mais “elevado” por seus adeptos, uma vez que seriam princípios estabelecidos e concedidos pelo Céu (IDEL, 2009, p. 20). Sendo vertical e descendente, pois, é a moral superior que desce aos mundos inferiores como o plano terrestre.

No caso do ritual do *Cro* a tendência é distinta da *Prescritiva*. O *Cro* santifica através de uma normalidade elaborando uma interpretação espiritual ou pode-se dizer que até mesmo metafísica de um comportamento comum. O *Cro* oferece uma razão de ser para um comportamento que é corriqueiro entre os seres humanos. A tendência que o *Cro* segue trata-se da tendência denominada como *Descritiva* (IDEL, 2009, p. 21). A tendência *Descritiva* é estática e conservadora uma vez que mantém e legitima um comportamento que é natural ao ser humano dando-lhes significados metafísicos. Ao contrário da *Prescritiva*, a *Descritiva* é vertical e ascendente, pois visa atingir por meio da sacralização de uma normalidade níveis mais elevados.

Seguindo essa tendência *Descritiva* do *Cro* temos a legitimação do sexo como um ato para se trazer abreviar a vinda do Messias para a terra. Acreditavam que os momentos de perseguição pela Santa Inquisição seria um sinal para a vinda do Messias (GRINBERG, 2005). Um caso interessante seria o de Sabbatai Sevi que foi aclamado Messias em 1666 (TAVIM, 2007), no mesmo século do caso ocorrido no *Cro*.

Então o ritual do *Cro* não foge em medida alguma a religiosidade dos criptojudeus de sua época. É interessante observar também como o *Cro* fazia parte da dinâmica de arranjar um casamento com um bom parceiro sexual. Muitas vezes antes de se casar um dos amantes propunha fazer o *Cro* com a dita pessoa para depois se casar. Em alguns casos resultava de fato em casamentos em outros havia a desistência de uma das partes. Foi o que ocorreu a Manuel Alvarez de Arellano que fez o ritual do *Cro* e depois sumiu definitivamente deixando irada a sua parceira Dona Beatriz e fazendo inimigos na família<sup>5</sup>. A partir daqui começamos a adentrar no capital erótico, podemos ver que o *Cro*, além do seu significado religioso, era utilizado como um dos meios para capitalizar erotismo dentre os seus participantes. Veremos alguns atributos encontrados no capital erótico que podem muito servir para analisar a maneira como o *Cro* servia para os relacionamentos amorosos dentre os cristão-novos judaizantes.

Começamos então pelo atributo erótico do Dinamismo. Como foi definida acima se refere a associação de boa forma física, energia social e bom humor. O dinamismo é uma

---

<sup>5</sup> AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 339r.

das formas de uma pessoa demonstrar o vigor de sua boa forma física, de ser percebido pelos outros como um indivíduo capaz e saudável. Temos indícios de que o Cro denota também a esse dinamismo. Muitas são as referências de que aparecem no processo de que o Cro é algo que revela o vigor de um indivíduo. Não faltam referências para palavras como “muy lindo oficial do Cro” por todo o processo, e ser um lindo oficial do Cro significava que fazia o Cro muito bem e que era estimado pela matriarca Leonor Nuñez e pelos demais da comunidade<sup>6</sup>.

Revelando inúmeras vezes no processo sendo repetido de forma até mesmo exaustiva as palavras daqueles que faziam o Cro e esse título poderia ser dado tanto a homens quanto a mulheres. Nos cárceres vemos as seguintes palavras acerca de um amigo do marido de Ana Gomez, filha de Leonor: “Y decia q era muy pontual em hazer el Cro y ló hacia muy bien. Y que no ignorava nada.”<sup>7</sup> Praticamente tais palavras se repetem em todo o processo sobre os homens e mulheres que executam bem o Cro.

Mediante tudo isso devemos salientar que o Cro fazia parte de uma interação social bastante ativa dentro da comunidade de seus praticantes<sup>8</sup>. As festas e as comemorações eram costume amplo entre os seus participantes. O Cro podia ser feito entre casais, porém, o mais comum é que fossem relações em grupo onde algumas pessoas participavam e o faziam a vista de todos os outros que estavam na casa. Por isso que há dentro do ritual uma sociabilidade. Entretanto, devemos levar em consideração que ter relações sexuais a vista de todos era algo comum na Idade Moderna, inclusive na América Portuguesa como bem atesta a historiadora Leila Algranti que fala que

[...]a distinção clássica entre o público e o privado não se aplica à vida colonial antes do final do século XVIII e início do XIX e, ainda assim, só de forma muito tênue, pois o privado assume conotações distintas daquelas adequadas à nossa sociedade atual. (ALGRANTI, 1997, p. 89).

Não existe uma definição clara entre o público e o privado como também ressalta a renomada Nicole Castan (2012) ao falar que a divisão de público e privado somente se fará sentir tempos depois na Europa, e depois no mundo ocidental. Ronaldo Vainfas é ainda mais enfático na questão das intimidades:

Não resta dúvida de que, assim sendo, o território da sexualidade era bem menos privado do que se poderia supor, distanciando-se largamente dos padrões que se supõem vigentes nos dias de hoje. (...) ver-se-a que até os gemidos dos amantes ardorosos não raro podiam ser escutados por ouvidos indiscretos, sem contar os encontros amorosos, as mancebias, pois todos sabiam “quem andava com quem” para usar a expressão coeva, [...] (VAINFAS, 1997, p.227-228)

<sup>6</sup> AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 394r.

<sup>7</sup> AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 396r.

<sup>8</sup> AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 507r.

Por tanto, não é espantoso que o Cro fosse realizado de maneira que os demais estivessem presentes e fossem testemunhas das relações sexuais que ali ocorriam. Nas palavras dos próprios participantes temos:

Y luego dixo Gonçalo que Luis Perez Nuñez era mui querido de Las Blancas y de todo ellinaje de Dona Juana que no hubo junta para hacer el Cro. Adonde no se halla se y que de ay conocio a Belica mi prima y fue sus amores secretamente. (AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 411r.)<sup>9</sup>

Outro ponto que podemos tocar seria o da beleza. Uma vez que tanto nos documentos tanto em Nathan Wachtel (2002) se percebe que alguns participantes se destacavam pela sua beleza. Há exemplo disso temos o Sebastian Riveros<sup>10</sup>, Cristão-novo judaizante que tem sucesso em se passar por cristãos-velhos e que é chamado de lindo sucessivas vezes durante o processo

## Conclusão

Muito ainda se tem que aprofundar acerca da sexualidade dos cristãos-novos, porém, com esse trabalho creio que começamos a dar os primeiros passos de maneira bastante estimulante. Os cristão-novos desenvolveram maneiras de valorizar o seu capital erótico dentro da sua religiosidade. Fazendo uso de uma tendência mística prescritiva criaram uma forma de erotismo totalmente discordante do mundo cristão a sua volta. Analisamos o cristão-novo e a inquisição e como todos esses fenômenos ajudaram a compor o capital erótico daqueles que eram considerados hereges criptojudéus.

## Referências

ALGRANTI, Leila Mezan. **Família e vida doméstica**. In: SOUZA, Laura de Mello (Org.); Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 V. 1.

BAUMEISTER, R. F.; VOHS, K.D. "Sexual economics". **Personality and Social Psychology Review**, 8: 339-63, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Capital Cultural, Escuela y Espacio Social**. México: Siglo Veinteuno, 1997)

---

<sup>9</sup> "E então Gonçalo disse que Luis Perez Nuñez era amado de Las Blancas e Dona Juana ensinaste tudo o que havia para fazer o Cro. Quando não se acha se e que daí conheceu a Belica minha prima e era seu amor secretamente." (Tradução do autor)

<sup>10</sup> AGN, Inquisición, vol. 423, exp. 3, f. 534-537r.

CASTAN, Nicole. O público e o particular. In: ÁRIES, Philippe e CHARTIER, Roger. **História da Vida Privada: da Renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

EYMERICH, Nicolau. **Manual dos Inquisidores**. Comentários de Francisco de La Pena. Tradução de Maria José Lopes da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

GREEN, Toby. **Inquisição: O reinado do medo** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

GRINBERG, Keila. **Os judeus no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

HAKIM, Catherine. **Capital Erótico**. Trad. Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Business, 2012.

IDEL, Moshe. **Cábala y Eros**. Trad. Pablo Garcia Acosta. Madrid: Siruela, 2009.

MELLO E SOUZA, Laura. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MIGUEZ, Antón Castro. **O Judeu-espanhol na comunidade Sefaradi de São Paulo**. São Paulo, 2004. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

NOVINSKY, Anita. **Cristãos Novos na Bahia: A Inquisição**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

PEREIRA, Lorena Andressa Rodrigues; SANTOS, Giuliana Elisa dos. **Capital Erótico no Ambiente Organizacional: A sua influência no processo seletivo e na empregabilidade**. In: Revista de Ciências Gerenciais. v.17. n. 26. p. 21-34.

ROTH, Cecil. **La Inquisición española**. Barcelona: Martinez Roca, S.A., 1989.

SILVA, Marcos. **Cristãos-Novos no Nordeste: Entre a Assimilação e o Retorno**. São Cristóvão, Editora UFS, 2012.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida de. **A Inquisição portuguesa e a sociedade colonial**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

WACHTEL, Nathan. **A Fé da Lembrança: Labirintos Marranos**. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

TAVIM, José Alberto Rodrigues da Silva. Revisitando uma carta em português sobre Sabbatai Zvi. **Sefarad**. Vol.67.Ano 1 Janeiro-Junho de 2007. Pag 155-190.

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades Basílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista. In: SOUZA, MELLO, Laura de (Org.). **Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. V. 1.

### Fontes Testemunhais

Archivo General de la Nación, Cidade do México.

Inquisición, vol. 423, exp. 3. **Dez cadernos de comunicações de prisão**. ff. 221-583r.